

A VIRTUDE DO DESAPEGO

Há tempos, ouvi uma conversa interessante: um católico praticante, dizia que não precisava de dinheiro, tinha o necessário, Jesus Cristo também não foi rico. Um amigo que é ateu, respondeu-lhe que por seu lado, queria ter muito dinheiro, pois assim poderia ajudar muita gente.

Fiquei surpreendida, e na realidade nunca tinha pensado no assunto, mas parece-me que a mais acertada é a resposta do ateu.

Embora me pareça que a era do consumismo das coisas está a desvanecer-se, a nossa relação com o dinheiro, ainda é muito complicada. Em vez de gastarmos o dinheiro apenas naquilo que precisamos ou em actividades que nos dêem alegria, juntamo-lo, com medo que venham dificuldades.

Como sabemos, os pensamentos são coisas e o facto de pensarmos que podemos vir a ter problemas é meio caminho andado para eles aparecerem realmente.

O dinheiro é energia e a energia, seja ela física, mental ou emocional, é como um fluxo constante: quando circula, gera movimento, transformação e crescimento. Quando não é utilizada, tende a estagnar.

Tudo o que possuímos ficará cá quando morrermos. Todos sabemos, mas temos tendência a ignorar.

Especialmente os que se encontram no caminho, são testados de vez em quando. Ou porque têm que fazer mudanças e têm que se libertar de coisas, ou porque têm que fazer partilhas e têm que fazer concessões, ou porque surge algum extra e têm forçosamente que gastar dinheiro. Mas o desapego não se refere apenas a bens materiais, mas também a pessoas, e tanto a vida com as relações são efémeras.

A maneira como se encara a situação de perda e as opções que se tomam, são reveladoras do nosso apego ou desapego.

Desapegar não significa abandonar tudo, dar tudo o que temos, significa sim, mudar a relação que temos com as coisas e as pessoas. Reconhecer que tudo é transitório — e que deve ser usado para que tenhamos uma vida confortável e possamos contribuir para o bem comum.

Max Heindel diz que - *o aspirante à vida superior deve consagrar-se a uma vida de serviço e deve estar desejoso de renunciar a todas as suas posses terrestres, embora transitoriamente as retenha como um depósito sagrado para fazer o bem.*

Como estudantes da Filosofia Rosacruz, devemos considerar que para sermos verdadeiramente livres e seguirmos o nosso caminho, temos que cultivar o desapego e a simplicidade. Devemos perder o medo do futuro e confiar que Deus é Grande e nos dará o que precisarmos, na altura certa.

“E chamou a si os doze, e começou a enviá-los a dois e dois,,, e ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, senão apenas um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto...” Marcos 6:8,9

Max Heindel dizia que desde que deixou de se preocupar com inquietações de ordem material, os seus recursos alargaram-se, e exorta-nos a viver pela fé.

Se conseguirmos distanciar-nos das coisas, e nos desfizermos de tudo o que é acessório e não precisamos, passamos a dar maior valor ao que é fundamental. Se deixarmos de ter medo do futuro, desfrutaremos do momento presente.

Aproveitemos as oportunidades de ser útil aos outros, ofereçamos o nosso tempo aos amigos e à família e façamos actividades que nos dêem Alegria!

E tudo o resto virá por acréscimo.

15 Agosto 2026

Fátima Capela